

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O ARQUITETO E URBANISTA COMO AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO

DRUM, Adrika, Naline.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

A pesquisa apresenta os fundamentos teóricos capaz de compreender o papel do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas. O problema motivador foi formulado pela seguinte questão: quais os impactos da atuação do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas no contexto contemporâneo? O trabalho tem como objetivo geral em conceituar e apresentar fundamentos capazes de compreender o cenário de fragilidades sociopolíticas e econômicas atuais, assim como a atuação do arquiteto e urbanista. Fundamentando-se na busca de revisões e referências bibliográficas, com o uso do método indutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Social. Habitação no Brasil. Sociedade Contemporânea. Espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é recorte de pesquisa em andamento, vinculada à etapa de trabalho de curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG. Insere-se ao Grupo de Pesquisa Estudos e discussões sobre arquitetura e urbanismo (GUEDAU) com o intuito de discutir sobre arquitetura de interesse social com foco no papel do arquiteto e urbanista em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas nos espaços contemporâneos.

O interesse da pesquisa busca promover a ampliação da visão social da profissão de arquiteto e urbanista, sua importância e relevância para os espaços contemporâneos com fragilidades sociopolíticas e econômicas e apresentar seus campos sociais de atuação.

Seguindo a proposta, como problema de pesquisa para atual trabalho partiu-se da seguinte questão: quais os impactos gerados pela formação das favelas no Rio de Janeiro? Dessa maneira propõe-se como hipótese de que: os impactos sejam negativos, uma vez que atualmente o Rio de Janeiro se apresente como um cenário de grande violência. O objetivo geral da pesquisa está em compreender a atual situação habitacional no Brasil e como o surgimento das favelas pôde refletir para esse cenário. Complementando com os seguintes objetivos específicos: 1) Definir arquitetura e

¹ Acadêmica do 9º período da Graduação de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG.
E-mail: adrikadrum@hotmail.com

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo – FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/Uel. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

urbanismo; 2) Apresentar a atuação profissional do arquiteto e urbanista atualmente e sua função social; 3) Apresentar a sociedade contemporânea; 4) Apresentar o real cenário de áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas; 5) Analisar o processo de favelização no Rio de Janeiro; 8) Concluir respondendo ao problema da pesquisa.

A proposta desta pesquisa está fundamentada na coleta de informações diversas, que estejam relacionadas com as teorias que englobam o assunto da arquitetura e urbanismo e a função social do arquiteto no espaço contemporâneo, a sociedade contemporânea com foco em áreas de fragilidades sociopolíticas e econômicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica tem como propósito apresentar os fundamentos de arquitetura e urbanismo, a atuação do arquiteto e urbanista e sua função social, a sociedade contemporânea e os espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas.

2.1 ARQUITETURA E URBANISMO

Arquitetura uma profissão de ensino superior. Dividida em diferentes significados, em que três se destacam: o primeiro deles está relacionado ao currículo da graduação, separados em três áreas distintas do conhecimento, ou seja, área técnica, de humanidades e de treinamento; o segundo significado importante seria a visão da arquitetura como produto cultural, antropológico, cuja arquitetura de povos anteriores aos nossos mostram sua civilização, hábitos, sociedade e conhecimento técnico; e o terceiro, o olhar da arquitetura como arte, em que todo o processo de produção obteve excelência estética, ou seja, em que o arquiteto usou o conhecimento, sensibilidade e talento (COLIN, 2000, p.21).

Zevi (1996, p.18) define arquitetura como a existência do vazio, do espaço encerrado onde o homem consegue adentrar e viver. As quatro fachadas por mais que possam ser belas, mas possui a caixa, o invólucro mural onde está encerrada a jóia arquitetônica, o espaço.

A arquitetura é como uma grande escultura escavada, em que o homem penetra e caminha sobre seu interior, ou seja, o espaço como protagonista da arquitetura (ZEVI, 1996, p.17).

Tuan (1983, p.83) afirma que quando um espaço nos remete a familiaridade, ele se nomeia lugar. E complementa que quando a experiência cinestésica e perceptiva assim como a aptidão para efetuar conceitos são requisitos para as modificações quando o espaço é considerado grande.

Zevi (1996, p. 24) diz que uma bela arquitetura é aquele que possui um espaço que nos atrai, nos eleva, ou seja, que tenha uma sensação boa de estar dentro dele e que a arquitetura feita é aquela que nos repele, ou seja, nos entristece nos cansa e nos faz querer sair dela. Tuan (1983, p.114) complementa que o espaço construído pelo homem pode aguçar as sensações e a percepção humana. E ressalta a sobre a inteligência humana de analisar, mesmo sem forma arquitetônica, a diferença de exterior e interior, fechado e aberto, escuridão e luz, privado e público. O meio construído indica as funções sociais e as relações. As pessoas se sentem melhores em ambientes construídos pelo homem ao invés de ambientes da própria natureza. E finaliza dizendo que a arquitetura “ensina”.

Seguindo o pensamento de Colin (2000, p.28) o edifício é quem constitui a paisagem da cidade e a arquitetura é a arte do contato obrigatório, ou seja, não é uma arte procurada em galerias ou exposições é uma arte presente nas ruas, um contato visual constante.

Para a arquitetura ser considerada uma obra de arte, Colin (2000, p.25) discorre que o edifício deve além do entendimento técnico, apresentar também demandas utilitárias, bom uso dos espaços, promover sensações, instigar a contemplação e observação das formas, à textura, jogo de luz e sombra, às cores, à sua leveza ou solidez. Só assim, poderá ser considerada uma obra de arte.

Uma decoração considerada bela, nunca criará um espaço bonito, também é correto dizer que um espaço quando não apresentar um tratamento adequado sobre suas paredes, não transmitirá um ambiente agradável e admirável (ZEVI, 1996, p.26).

Seguindo a afirmação de arquitetura ser considerada uma arte, Colin (2000, p.27) constata a arquitetura se difere das outras artes por possuir um contato obrigatório, uma vez que está presente nas ruas, junto da sociedade e da vida cotidiana de maneira freqüente e impositiva. Para que ela seja vista como arte, faz-se necessário que seja observada.

Já o urbanismo, composto pelo conjunto de arquitetura se inicia quando surgem às cidades, que partir do cultivo da terra em terras antigas a cidade surge, onde ergueram suas moradias, santuários e templos que por fim permaneceram (GLANCEY, 2000, p.14). Benevolo (1993, p.23) expressa que a cidade nasce de uma aldeia, a qual a maneira que os meios de cultivo, serviços e indústrias evolui, a sociedade também criando assim classes sociais.

Com as cidades crescendo, a sociedade precisou se organizar juntamente com o Estado, em que a Grécia foi pioneira nessa organização. Benevolo (1993, p.75) afirma que no novo ambiente se formou uma nova cultura, que segue como base da atual tradição intelectual. A organização da *polis*, a cidade – Estado trouxe grandes resultados para a cultura social, como literatura, ciência e arte.

Nunes e Lacerda (2016, p.7) explicam que o urbanismo desde a sua origem se acentua a partir de procurar respostas diante dos caos urbanos freqüentes, principalmente nos tempos de globalização, que se afirma como organizador no crescimento das cidades, mas ao mesmo tempo como responsável expressivo na transformação do espaço urbano, já em relação às cidades, como mercadoria. Em relação à infraestrutura e serviços públicos no urbanismo contemporâneo, o mesmo atua como planejador urbano, junto o apoio direto ou indireto do Estado.

O termo urbanismo é:

Quase que empregado exclusivamente nas situações onde irá se desenhar ou projetar uma nova cidade, a partir de um espaço desocupado e vazio. Esse fato não ocorre, especialmente nos países em desenvolvimento, onde se procura uma ação urbana sobre o existente, com recursos limitados e com todas as condicionantes de natureza social e política, Nessa direção, a ação urbana cada vez mais distancia-se do urbanismo clássico para aproximar-se de um entendimento da cidade enquanto um empreendimento (ABIKO, ALMEIDA e BARREIROS, 1995, p.45).

A cidade não é algo recente e sim o resultado de um contexto histórico. Com o aumento das migrações de caráter êxodo rural, as cidades sofreram modificações consideradas que refletem a sociedade até os dias de hoje. Portanto, nas últimas décadas o ritmo de crescimento das cidades está sendo muito superior em relação ao passado, ultrapassando até mesmo as previsões das autoridades públicas, ou seja, dificultando cada vez mais a capacidade de equilibrar os problemas e meios disponíveis para desenvolver nossas soluções de grande impacto de maneira eficaz.

Devido o grande número de pessoas chegando às cidades, o espaço incha forçando a nova população a se distribuir em locais periféricos, abandonados e sem infraestrutura adequada. A questão da habitação atual nos grandes centros urbanos mostra na maioria das vezes soluções encontradas pela própria população pauperizada para solucionar o problema da falta de um “teto” digno, muitas das vezes em situações de cortiços, barrancos de favelas, condições inadequadas nas periferias.

A cidade tem como responsabilidade satisfazer às necessidades de sua população como todo, onde há pessoas deve haver infraestrutura, transporte acessível e de qualidade, lazer, educação entre

outros serviços indispensáveis para se viver na cidade. Para que isso ocorra, deve haver uma gestão urbana digna e presente na vida de todos. (ABIKO, ALMEIDA, BARREIROS, 1995, p.45).

2.1.1 Atuação do arquiteto e urbanista e sua função social

Freitas (2014, s.p) afirma que o direito a moradia digna foi penhorado e fixado como pressuposto a dignidade humana, desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi recebido e propagado na Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (FARIAS, 2014, s.p).

O arquiteto e urbanista é responsável pelo espaço construído, é seu papel ser um agente estimulador na transformação dos desejos de uma sociedade e motivação de elementos construídos em espaços habitáveis. Espera-se do profissional que o mesmo se curve diante da cidade e pense da melhor maneira a projeção de espaços com responsabilidade social (SINDARQPr³ s.d.).

O arquiteto tem total responsabilidade na constituição da cidade, Paulo Mendes da Rocha citado por FAENG (s.d., s.p) diz que “a cidade deve constituir uma estrutura de amparo à vida, levando em conta suas várias dimensões – habitação, comércio, serviços, transporte, lazer e trabalho”. “A arquitetura, modificadora do espaço e da paisagem, deve atender social e esteticamente as necessidades humanas”. Complementa que a função se fundamenta na dominância do interesse público em relação à disposição do privado na prática de uma atividade. A arte, a ciência ou a arquitetura estarão cumprindo sua função social quando sua prática produzir resultados que colaborem para a construção do bem comum.

Santos (2018, apud ARTIGAS, p.16) ressaltam as diversas responsabilidades sociais que exigem a profissão, sendo uma delas a quebra de obstáculo entre a assistência técnica do arquiteto à população de baixa renda, como também a de assegurar os direitos que envolvem leis de acesso à habitação digna e das cidades como forma de benefício e evolução da sociedade.

³Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas no Estado do Paraná – sindARQ- PR, inicialmente Associação Profissional dos Arquitetos no Estado do Paraná – APA/PR, teve início com a necessidade dos profissionais de Arquitetura do Paraná de se sindicalizarem enquanto categoria, como deliberavam os Encontros Nacionais de Arquitetos (SINDARQ, s.d.).

No cenário mundial há diversos arquitetos que se destacam por irem além ao cumprimento de seu papel social, um exemplo é o arquiteto chileno Arejandro Aravena⁴. Ele ficou conhecido por se dedicar à arquitetura de habitação social, envolvimento em políticas públicas habitacionais e normas para o mercado com foco no giro de oportunizar grandes impactos de alcance. Aravena explica que o impulsionou para tal projeto foram às modificações em empréstimos públicos quanto privados que ocorreram em 2001, então o arquiteto e sua equipe projetaram unidades sobrepostas na altura para acomodar as 100 famílias. O diferencial do projeto foi a preocupação com a identidade de cada família, ou seja, Aravena permitiu que as habitações fossem ampliadas da maneira que cada família achasse melhor, esse foi o diferencial do projeto ganhador do Prêmio (CAU/BR⁵, 2016, s.p).

Outro nome que se destaca no cenário arquitetônico é o japonês Shigeru Ban ⁶. Sua arquitetura é pautada na aplicação e usos de materiais poucos convencionais, mas sem perder a sofisticação estrutural. Atua em diversos projetos para ajudar populações em situação de riscos de desastres ambientais e afins, elaborando residências rápidas econômicas e sustentáveis para pessoas sem teto ou refugiados (DOROTEO, 2016, s.p).

Solado, Sichieri (2006, p.4), complementa sobre a preocupação de Shigeru Ban na atuação do arquiteto atualmente. Para ele, o arquiteto pensa que enquanto muitos chamam os menos necessitados de minoria, em geral esse grupo menosprezado representa muito mais e se torna um desafio para a comunidade de arquitetos.

Recentemente o arquiteto Ronald Rael juntamente com sua equipe, ficou conhecido por colocou em prática seu projeto social. O arquiteto instalou gangorras entre o muro que divide a fronteira do México com os Estados Unidos, de maneira que crianças dos dois lados pudessem brincar e interagir, em protesto contra políticas migratórias (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019, s.p).

No Brasil, o arquiteto Ruy Ohtake atua com ênfase na arquitetura social, em entrevista ao CAU/BR (2018, s.p) o arquiteto diz que “Quando atua em programas sociais, o arquiteto tem que assumir duas atitudes: como técnico e como cidadão. É fundamental conversar com a comunidade,

4 Destacando sua capacidade de ampliar o campo de ação do arquiteto para alcançar soluções que permitam melhorar os contextos urbanos e fazer frente à crise mundial de habitação, o júri selecionou o arquiteto chileno Alejandro Aravena como vencedor da edição de 2016 do Prêmio Pritzker (ARCHDAILY, 2016).

5 O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAU/UF foram criados com a Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA CAU/BR, s.d.).

6 Shigeru Ban, nascido em 5 de agosto de 1957, é um arquiteto japonês vencedor do Prêmio Pritzker 2014 por sua significativa contribuição às inovações na arquitetura e filantropia. Sua habilidade de aplicar conhecimentos convencionais em diferentes contextos resultou uma obra caracterizada pela sofisticação estrutural e uso de técnicas e materiais pouco convencionais (ARCHADAILY, 2016).

sentir o que os moradores pensam não se fechar em um escritório para projetar de forma isolada” (OHTAKE, 2018, s.p).

E ainda critica o programa do governo federal “Minha Casa Minha Vida” comparando a uma plantação de alfaces, ou seja, todas iguais.

Sobre a atuação do arquiteto e urbanista em diversas áreas no Brasil, uma pesquisa realizada pelo CAU/BR em parceria com o Instituto Datafolha⁷, entrevistou cerca de 2.419 pessoas no Brasil sobre a contratação de algum arquiteto ou urbanista ou especialista para reforma ou construção. O resultado da pesquisa apontou que 54% da população economicamente ativa já construiu ou reformou imóvel residencial ou comercial. Dessa porcentagem, 85,40% realizaram o serviço por conta própria ou com o auxílio de pedreiros ou mestres de obras conhecidos. Somente 14,60% contratou algum arquiteto ou engenheiro. Geralmente, a contratação de profissionais especializados está vinculada à renda e à escolaridade. De acordo com esse parâmetro, enquanto 26,2% da população economicamente ativa com nível superior construiu ou reformou com ajuda especializada, esse índice é de 9,50% para a população com nível de escolaridade fundamental. Em relação às classes AB, 25,80% utilizaram profissionais habilitados. Apenas entre as pessoas da classe A, essa taxa pula para 55,30% (CAU/BR, 2015, s/p).

Outra pesquisa recente também realizada pelo CAU/BR com parceria ao Instituto Datafolha mostrou sobre o perfil profissional do arquiteto e urbanista. 1500 arquitetos e urbanistas e 500 empresas foram entrevistadas. De acordo com as principais atividades exercidas nos últimos dois anos, dos arquitetos e urbanistas, 87% trabalham com projetos de arquitetura, 68% com arquitetura de interiores e execução de obras foram 64%. Os restantes da porcentagem foram em projetos complementares (49%); gestão e consultoria (30%); paisagismo (28%) e serviços públicos (23%).

Em relação às empresas, 89% atuam com projetos de arquitetura, 71% com arquitetura de interiores; execução de obras foram 58%, 57% com gestão e consultoria, com projetos complementares 43% e paisagismo 30%. Apenas 18% dos entrevistados as empresas disseram terem realizados trabalhos com habitações de Interesse Social (CAU/BR, 2019, s/p).

De acordo com Ribeiro (2016, s/p) o curso de Arquitetura e Urbanismo no Brasil é considerado um dos mais elitizados entre as universidades. Dessa maneira o arquiteto passou a servir para os mais ricos, ignorando sua função social e atuação com os espaços urbanos.

7 O Datafolha foi criado em 1983, ainda como departamento de pesquisas e informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S.Paulo e outros veículos e serviços da empresa (DATAFOLHA, s.d.).

Existe um distanciamento social entre arquiteto e a população de baixa renda, justamente pela elitização da profissão por parte da sociedade e dos próprios arquitetos, que se enquadra em uma profissão para as demandas grandiosas (NOGUEIRA, 2010, p.30).

2.2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A contemporaneidade é uma singular compatibilidade com o próprio tempo, que pratica e ao mesmo momento toma distância, em que adere através de um rompimento e um ultrapassado (HONESKO, 2009, p.59)

A sociedade contemporânea possui inúmeras características heterogenias, como por exemplo: a globalização, os conflitos de classes, a falta de identidade e o apelo pelo trabalho. A globalização pode ser considerada um fator que une como também divide e divide enquanto une (BAUMAN, 1999, p.8). Sobre a globalização das cidades, Pereira (2010, p.308) diz que a cidade contemporânea se encontra em uma discussão entre metrópole individualizável e a aldeia global, entre a convergência e a divergência.

Ou seja, o autor sugere que as diferenças se encontram com maior êxito nas megalópoles, pois se produzem em uma escala regional problemas urbanos e socioeconômicos, de infraestrutura e desenho urbano.

Segundo Santos (2000, p.18) a globalização se próprio nomeia como perversa, diante de tantas mudanças no mundo que se torna unificadas, em recorrência das novas técnicas, a base concreta para uma ação humana universal. Assim, impõe grande parte da sociedade á globalização perversa.

Em relação à sociedade contemporânea e a experiência com o trabalho, Proni (s.d, apud Durkheim, p.3) analisando a transição da sociedade tradicional para as modernas, privilegia complexidade da divisão do trabalho social, que expande as diferentes entre as pessoas e conduz para o processo de individualismo. E ainda, para Durkheim é no meio de trabalho que se desenvolver que se instrumentam de maneira básica valores como a interdependência e a solidariedade. Á medida que aumenta a individualidade, cresce a importância de princípios sociais e regulamentações, ou seja, que confirmam o funcionamento regular do organismo social.

Mussi (s.d., p.3) complementa sobre as relações pessoais de trabalho que com o ganho e ascensão social, o trabalho foi indicado como condutor do aumento da monetarização dos laços

sociais e de responsabilidade das relações cooperativas no meio social; na qualidade de experiência produtiva por excelência, comprometido pela reparação pessoal e realização de potencialidades humanas, o trabalho foi interrogado pela sua apropriação pelo capital e pelo ajustamento incomum de tarefas.

De maneira inédita a arquitetura se mostra interessada diretamente destinada aos pobres, ao contrário de antes ser reservado á satisfazer as classes dominantes.

Sobre o espaço planejado, considerado territorial, urbanístico, arquitetônico Bauman (1999, p. 24) diz que por meio da globalização se impôs um terceiro espaço, o *cibernético* vindo da rede mundial de informática.

Diante de tal fator para alguns, podem se mover para quando lugar, localidade sem se quer sair do lugar que estão. Para outros, que estão fora desse novo espaço, apenas observam e a única localidade que podem habitar é advindo dos próprios pés (BAUMAN, 1999, p. 25).

Portanto o cenário atual aponta diversas diferenças de classes sociais no meio urbano.

De acordo com Debord (1997, p.113) o urbanismo é a satisfação moderna do emprego constante que salvaguarda o poder da classe, ou seja, a manutenção da fragmentação dos trabalhadores que as circunstâncias urbanas de produção tinham reunidos.

Seguindo Bauman⁸ (1999, p. 19) ressalta que tanto no passado como nos dias de hoje, que os ricos e poderosos tendem a possuir uma inclinação cosmopolita que o restante da população, criando uma cultura própria, desprezando as classes menos favorecidas.

Campos, Canavezes (2007, p.82) aponta que o dual problema de pobreza no mundo, está ligado á desigualdade global e a desigualdade de rendimentos extremamente elevados. E mostram: “dos 73 países para os quais existe informação disponível, 53 (que representam mais de 80% da população mundial) viram a desigualdade de rendimentos crescer, enquanto apenas 9 países (representando apenas 4% da população) viram a desigualdade de rendimentos diminuir”.

Complementa Debord⁹ (1997, p. 37) que o espetáculo de uma sociedade moderna, está paralelo ao unido e dividido. E explica que a contradição oficial está vinculada a luta de poderes que concebe o sistema socioeconômico.

⁸ Zygmunt Bauman é professor emérito de sociologia das Universidades de Leeds e de Varsóvia e responsável por uma produção intelectual em pleno andamento (SCIELO, 2014).

⁹ Guy Debord foi um escritor francês que comandou a Internacional Situacionista, grupo de intelectuais críticos da sociedade daquela época, que tinha como base teórica sua maior obra: "A Sociedade Do Espetáculo".

O mundo pós-moderno está se organizando para a vida sob uma condição de incerteza que é constante e irredutível (BAUMAN, 1998, p. 32). Muitas características da vida contemporânea auxiliam para superar as sensações de incerteza, para uma visão do futuro de um “mundo ao nosso alcance” (BAUMAN, 1998, p.32). É característica marcante da sociedade contemporânea entre homens e mulheres de viverem de forma permanente com o “problema da identidade” não resolvida (BAUMAN, 1998, p.38).

2.2.1 Espaços de fragilidades sociopolíticas e econômicas

As questões de fragilidades sociopolíticas e econômicas estão diretamente ligadas ao modo de governo, imposição política e ignorância por parte do Estado. O conceito da palavra sociopolítico quer dizer: “relativo ao que é, ao mesmo tempo, social e político; que possui tanto aspectos sociais quanto políticos: análise sociopolítica de uma sociedade” (DICIO, s.d., s.p).

No Brasil, a Constituição de 1988 lançou bases para modificações na intervenção social do Estado, aumentando o arco dos direitos sociais e a área de proteção social sob obrigação do Estado, com impactos importantes ao desenho das políticas, conceito de beneficiários e benefícios. O acréscimo das situações sociais de reconhecimento de garantias legais da proteção estatal significava a ampliação da responsabilidade pública diante dos problemas em que enfrentava que se dava parcialmente ou integralmente ao espaço privado. Essa intervenção tinha como objetivo referente às leis complementares de normatizar a ampliar o terreno da vida social, de oportunizar a população como de enfrentar condições de destituição de direitos, riscos sociais e pobreza (JACCOUD, 2005, p.182).

No cenário nacional, entende-se como uma questão de extrema importância uma vez que o déficit habitacional é alarmante e as condições de vida das pessoas nas grandes cidades em periferias e áreas de degradação também. A questão habitacional no Brasil está diretamente ligada ao seu processo de urbanização, diante de aspectos sociais, políticos, econômicos e ideológicos, ou seja, um processo a longo prazo (MONTEIRO, VEGAS, 2017, s.p).

O crescimento populacional foi decorrente a expansão das cidades e os fluxos migratórios rural-urbano, onde as pessoas se deslocavam para a cidade a procura de novas oportunidades, resultando no inchaço das cidades. Por consequência a precariedade das habitações e exclusão social (MONTEIRO, VEGAS, 2017, s.p).

A origem dos problemas habitacionais hoje enfrentados começou com a industrialização das cidades e com isso nos grandes centros urbanos o surgimento das favelas.

De acordo com Aurélio (2010, p.112) uma definição básica do dicionário da língua portuguesa favela significa “conjunto de habitações toscas e miseráveis, geralmente em morros e onde habita gente pobre.” Essa definição possui um olhar precário urbano que transmite uma culpa de indivíduo e um descaso do Estado no que se refere à políticas públicas, por falta de saneamento básico e serviços necessários principalmente à essa população (TOLEDO, 2018, p.3).

De acordo com essa definição trata-se entender como e porque surgiram as favelas. No final do século XIX e início do século XX especificamente na cidade do Rio de Janeiro devido à multiplicação de indústrias as pessoas foram atraídas em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, dando início as vilas operárias construídas pelos próprios donos das fábricas. Com o grande número de migrações houve uma explosão demográfica, transformando essas vilas em grandes cortiços, nos quais atraíram muitas doenças por conta da insalubridade, sendo vistos agora como um problema para as cidades. A partir disso, essa população foi obrigada a se retirar para parques proletariados. (TOLEDO, 2018, p.5).

Através desse programa de remoção, a especulação imobiliária se fez presente e com o aumento dos aluguéis e custo de vida no centro, essa população teve que se afastarem para a periferia, mesmo com condições precárias, os moradores ainda levantavam suas próprias casas fora do expediente de trabalho, única opção de habitação, na época (ver Figura 1). Sem fiscalização por parte do governo que ao contrário incentivava esse tipo de construções, objetivando não ter compromisso com esse tipo de população, fornecendo somente infraestrutura para o centro, onde habitava a elite (TOLEDO, 2018, p.6).

Figura 1: Início das favelas no Rio de Janeiro, 1912.



Fonte: Governo do Rio de Janeiro. Autor: Augusto Malta.

Na década de 1930, as favelas faziam parte do desenho urbano, mas estavam invisíveis das estatísticas. Somente a partir dos anos 1940 que as favelas começaram a serem vistas com preocupação diante dos poderes públicos, que passaram a incluir ao espaço urbano e pensar em planos. Durante o período militar, foram adicionados planos que aceleravam a indústria e a economia e como consequência as desigualdades e segregação das favelas (TOLEDO, 2018, p.8).

Nos anos 1970 que as moradias se verticalizaram nos morros, devido à crise mundial economia ter afetado o país com a ajuda das mídias e da própria população favelas planas no centro do Rio de Janeiro foram destruídas. Nos anos 1980, um novo termo surgiu a “nova favela” por conta da estagnação dos setores produtivos e o aumento da inflação, fez com que classes médias falidas fossem para as novas favelas. Diante disso, a estrutura de favela mudou e o comércio se fez presente, de acordo com a necessidade de seus moradores e o governo subiu para o morro saneamento básico e energia elétrica. Na década de 90, o auge das desigualdades e da pobreza fez com que manifestações sociais desmoronassem, tendo assim nas favelas a presença da violência que se espalhou para o restante da cidade (TOLEDO, 2018, p.9).

Com o decorrer a história esses problemas foram somente aumentando, refletindo até os dias atuais, a habitação de maneira irregular e a falta dela ainda é um grande problema a ser resolvido.

A página da internet Estadão (2019, s.p) mostrou que o Déficit Habitacional no Brasil se torna recorde, por motivos de queda de crédito nos financiamentos imobiliários e o aumento do desemprego no país. Uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) com o apoio da Fundação Getulio Vargas (FGV) apontou um crescimento no déficit habitacional de 7% em dez anos, atingindo cerca de 7,78 milhões de unidades habitacionais em 2017.

Com relação à recuperação dos espaços públicos, Chakur (2018, s.p) ressalta da importância de dar vida a esses espaços como forma de ressuscitar a identidade da cidade, pois são neles que a vida cotidiana, troca de experiências acontecem.

Conceituar essa retomada da cidade de urbanidade é ao mesmo tempo dizer que “é urbano”, “ser civilizado” e qualifica a cidade.

Koury (2015, s.p) salienta a ideia de vitalidade urbana defendida por Jane Jacobs¹⁰, que se direciona para as questões de interação social, trazer vida aos espaços públicos, que esses sejam vividos, ou seja, a qualidade vibrante dos lugares. Jacobs ressaltava a diversidade de usos dos espaços e o quão de retorno benéfico trás a sociedade.

3. METODOLOGIA

A busca de dados e elementos para a construção textual ocorreu por meio da revisão e pesquisa bibliográfica oriundas de livros, dissertações, teses, revistas científicas, sites, entrevistas e outras fontes de cunho acadêmico.

De acordo com Gil (2008, p.50), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de coleta de dados de materiais já elaborados, principalmente de livros e artigos científicos. Uma das vantagens desse tipo de pesquisa o investigador tem acesso á uma grande matriz de fenômenos muito mais ampla, ao invés daquela pesquisa diretamente.

Marconi e Lakatos (2003, p.83) afirmam que o método é como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais capazes de transmitir maior segurança e economia para o pesquisador, alcançando seu objetivo. Para isso, deve-se utilizar de um método específico, que no caso desta pesquisa é o indutivo, a qual parte de princípios verdadeiros e se buscam ainda conclusões que podem ou não serem positivas, validando ou refutando a hipótese e alcançando a obtenção do objetivo geral. Complementa Gil (2008, p.10) que o método indutivo se inicia com o particular e a generalização como resultada do produto do trabalho feito por coleta de dados particulares.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para a análise será produzido uma tabela mostrando uma linha do tempo desde o surgimento das favelas, no final do século XIX, especificamente no Rio de Janeiro até os anos 1990, enfatizando o descaso diante dos setores públicos e as conseqüências que foram geradas para melhor compreensão dos problemas habitacionais presentes atualmente.

¹⁰ Jane Jacobs, como é conhecida foi uma escritora e ativista política. Mudou definitivamente a forma de observar e analisar os fenômenos urbanos (PORTAL APRENDIZ, 2018).

Tabela: Linha do Tempo – Favelas no Rio de Janeiro.

PERÍODO HISTÓRICO	ACONTECIMENTOS	CONSEQUÊNCIAS
Final século XIX – Início século XX	Explosão demográfica no centro urbano	Presença de grandes cortiços; doenças; expulsão dos moradores do centro para a periferia; começo de moradias irregulares, sem fiscalização pública; falta de investimentos.
A partir da década de 40	As favelas começaram a serem vistas com maior preocupação aos olhares públicos	Necessidade de planos por parte do governo; realizado censo de favelas; os moradores passaram a entrar em estatísticas da cidade;
Década de 70	Crise econômica mundial afeta o Brasil Foram destruídas diversas favelas planas no centro	Construções de moradias através da verticalização nos morros.
Década de 80	Setores produtivos paralisaram gerando aumento da inflação e exército industrial de reserva. Aumento da taxa de desemprego, e ausência de uma política habitacional, surge o termo “nova favela” Grande parte da classe média empobrecida migra para essa “nova favela”	Mudanças nas favelas, avanços na infraestrutura, saneamento básico, energia elétrica. Chegada do comércio. A favela não é vista somente como moradia, mas com movimentação de mercados e prestação de serviços.
Década de 90	Agravamento das desigualdades Mudanças nas condições de vida da população Incremento da violência nas favelas	Aumento da violência urbana

Fonte: organizada pela autora (2019).

Diante da tabela apresentada, pode-se observar que ao longo da história de urbanização do Rio de Janeiro, desde o surgimento das favelas houve um descaso por conta dos poderes públicos com relação aos moradores. Só ocorreram mudanças e melhorias de infraestrutura quando a classe média empobreceu diante de uma crise econômica, onde a população para essas áreas da cidade aumentou.

E mais para perto da nossa atualidade, na década de 1990 o aumento da violência nas favelas, refletindo para a cidade em geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentou os fundamentos teóricos sobre arquitetura e urbanismo, atuação do arquiteto social e sua função social, a sociedade contemporânea e os espaços de fragilidades sociopolíticos e econômicas.

Observa-se a baixa porcentagem de arquitetos no Brasil com o foco na questão social, e de como a própria população não reconhece o arquiteto, um profissional acessível. Como a arquitetura tem grande importância para a sociedade como agente transformador do espaço por meio de sua função social.

Diante do cenário mundial destacaram-se alguns arquitetos que realizam projetos de habitação social, vencedores de prêmios importantes, inclusive, como Alejandro Aravena e Shigeru Ban. No Brasil, destacou-se o arquiteto Ruy Ohtake.

Nota-se como a sociedade contemporânea está cada vez mais globalizada, conflitos de classes e falta de identidade. Como as relações sociais estão se tornando digitais e a sociedade se mostrando em uma crescente individualidade.

Apontou-se como ao longo da história, a industrialização das cidades e o aumento de migrações campo-cidade afetaram diretamente a maneira de viver no espaço urbano e como isso é refletido até os dias de hoje com a existência de um grande número de Déficit Habitacional.

Por fim, diante de todos esses fatores apresentados pode-se analisar como o processo de urbanização de uma cidade, a falta de interesse público e o descontrole populacional afetou a qualidade de vida das pessoas e o modo de viver nas cidades. Sem planejamento, as consequências são assustadoras.

Diante da análise podemos validar a hipótese inicial, pois os impactos gerados pela favelização do Rio de Janeiro foram ruins pelo fato da cidade apresentar grande número de violência, repelindo turistas e aprisionando os próprios moradores em suas casas.

REFERÊNCIAS

- ABIKO, A. L; ALMEIDA, M. A. P; BARREIROS, M. A. F. **Urbanismo: História e Desenvolvimento**. Escola Politécnica USP-Departamento de Engenharia e Construção Civil, 1995. Disponível em: <http://www.pcc.usp.br/files/text/publications/TT_0001> Acesso em: 20 ago. 2019.
- ANDRADE, Liza Maria Souza de. **O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis**. Vitruvius, 2003. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>> Acesso em: 05 out. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BORATTO, Romullo. **Ruy Ohtake: "A população gosta muito dos meus trabalhos, mas os arquitetos, não"**. Archdaily, 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/914831/ruy-ohtake-a-populacao-gosta-muito-dos-meus-trabalhos-mas-os-arquitetos-nao>> Acesso em: 26 ago. 2019.
- CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. **INTRODUÇÃO À GLOBALIZAÇÃO**. [S.I.], 2007. Instituto Bento Jesus Caraça
- CAU/BR. **Pesquisa inédita: Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo**. 2015. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 23 ago. 2019.
- CAU/BR. **Alejandro Aravena expõe suas ideias para a implementação da Nova Agenda Urbana**. 2016. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/alejandro-aravena-expoe-suas-ideias-para-a-implementacao-da-nova-agenda-urbana/>> Acesso em: 26 ago. 2019.
- CAU/BR. **Arquitetura Social: O mal-entendido que levou Ruy Ohtake a Heliópolis, em SP**. 2018. Disponível em: < <https://www.caubr.gov.br/arquitetura-social-redondinhos/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CAU/BR. **Pesquisa CAU/BR revela perfil profissional dos arquitetos e urbanistas brasileiros.**

2019. Disponível em: < <https://www.cau.br.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CAU/BR. **Portal da Transparência Apresentação.** Disponível em: <

<https://transparencia.cau.br.gov.br/apresentacao/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

CHAKUR, Pablo. **Urbanidade: conceito e parâmetros.** Vitruvius. 2018. Disponível em:

<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.214/6983>> Acesso em: 23 ago. 2019.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

COLIN, Silvio. **Uma introdução á arquitetura.** Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** [S.I.]: Editora Ática, 1995.

DATAFOLHA. **História.** Disponível em:

<<https://datafolha.folha.uol.com.br/sobre/historia/index.shtml>> Acesso em: 26 ago. 2019.

DEBOARD. Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIO, Significado de Sociopolíticos. **Dicionário online de Português.** Disponível em:

<<https://www.dicio.com.br/sociopoliticos/>> Acesso em: 27 ago.2019.

DORATEO, Jan. **Em foco: Shigeru Ban.** Archdaily, 2016. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/792780/em-foco-shigeru-ban>> Acesso em: 26 ago. 2019.

ESTADÃO. **Déficit habitacional é recorde no País.** 2019. Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,deficit-habitacional-e-recorde-no-pais,70002669433>> Acesso em: 23 ago. 2019.

FAG. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos.** 4ª Ed. Cascavel: FAG, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Arquiteto instala gangorra na fronteira EUA-México em protesto contra políticas migratórias.** 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/arquiteto-instala-gangorra-na-fronteira-eua-mexico-para-criancas-dos-dois-lados-brincarem.shtml>> Acesso em: 23 ago. 2019.

FREITAS, Hélber. **Direitos sociais: direito à moradia**. Jusbrasil. 2014. Disponível em:
<<https://helberfreitas.jusbrasil.com.br/artigos/145423551/direitos-sociais-direito-a-moradia>>

Acesso em: 26 ago. 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

JACCOUD, Luciana. **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo**. Brasília:
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009.

KOURY, Rafael. **Considerações sobre a boa cidade Justiça ambiental urbana e sustentabilidade**. Vitruvius. 2015. Disponível em:

<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5520>> Acesso em: 23 ago. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo:
Atlas, 2001.

MONTEIRO, Adriano Roseno; VEGAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A questão habitacional no Brasil**. Fortaleza: [s.n.], Scielo, 2000.

MUSSI, Monica. **O trabalho na sociedade contemporânea**. [S.I.], [s.n.], [s.d.]. Disponível em:

<http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/FP_2016/pdf/d2/aula04/O_trabalho_na_sociedade_contempor%C3%A2nea.pdf> Acesso em: 25 ago. 2019.

NOGUEIRA, Priscilla Silva. **Práticas de Arquitetura para Demandas Populares A experiência dos Arquitetos da Família**. Belo Horizonte, [s.n.], 2010. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp124160.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2019.

NUNES, Christiane Girard Ferreira; LACERDA, Norma. **Planejamento urbano, arquitetura e urbanismo: a serviços de uma outra geografia? Brasilmar Ferreira Nunes (em memória)**.

Revista Sociedade e Estado: 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31nspe/0102-6992-se-31-spe-00989.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2019. Vol. 31.

PENSAMENTO, Fronteiras do. **Saskia Sassen**. Disponível em:

<<https://www.frenteiras.com/saopaulo/conferencia/saskia-sassen>> Acesso em: 26 ago. 2019.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução á História da Arquitetura, das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PORTAL, Aprendiz. **Jane Jacobs e a humanização da cidade**. 2018. Disponível em:

<<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/07/24/jane-jacobs-e-humanizacao-da-cidade/>> Acesso em: 26 ago. 2019.

PRONI, M. W. O trabalho na civilização contemporânea: Leituras e Reflexões. In: Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador Tecnologia e Civilização, s.d, Ponta Grossa.

RIBEIRO, Stephanie. **A Arquitetura precisa reconhecer, além do papel social, os debates sobre Raça e Gênero**. Archdaily, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/788948/a-arquitetura-precisa-reconher-alem-do-papel-social-os-debates-sobre-raca-e-genero>> Acesso em: 23 ago. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único á consciência universal**. [S.I.]: Editora RECORD, 2000.

SANTOS, Gustavo Viana dos. **A função social da arquitetura materializada no espaço de aprendizagem: Proposta de anteprojeto para uma escola de arquitetura e urbanismo em Campos dos Goytacazes/RJ**. Rio de Janeiro, 2018.

SINDARQPR. **Boletim Espaço Livre – SARQ/GO**. s/ano. Disponível em:

<<https://www.sindarqpr.org.br/a-funcao-social-do-arquiteto-e-do-urbanista/>> Acesso em: 22 ago. 2019.

STOTT, Rory. **Como a imigração definirá o futuro da arquitetura e do urbanismo**. Archdaily. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/791111/como-a-imigracao-definira-o-futuro-da-arquitetura>> Acesso em: 23 ago. 2019.

TOLEDO, B.B. de. A formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social. . In: Anais do XVI Encontro Nacional de pesquisadoras/es em Serviço Social. 2018, Vitória, Espírito Santo.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar A perspectiva da existência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.